

ADERAVIS APICULTURA



Por Joaquim Pifano

As produções apícolas em 2007 parecem ter sido de alguma forma proveitosas em quase todo o território nacional. De facto, tivemos uma Primavera com humidade suficiente, e até abundante, para todos os tipos de flora melífera, o que resultou em produções de mel bastante razoáveis nessa estação.

Já o Verão que se previa desastrosamente quente, acabou por pactuar com o sector apícola e rivalizar com a própria Primavera em alças cheias. Até o famoso mel de giracídeo voltou a fazer parte das produções apícolas, desta vez graças à recente moda dos biocombustíveis, que o tornou numa cultura de eleição. No entanto ainda é prematuro cantar vitória, pois não sabemos se veio para ficar. Outras das fontes de néctar mais conhecidas do Alentejo, o Cardo e a Melada de Azinho, surgiram em abundância este

Verão, virtude das temperaturas baixas e humidade abundante.

Em suma, não foi um ano mau em termos de oportunidades, mas como bons produtores ligados à terra fica-nos sempre bem desejar um pouco mais.

É neste quadro de expansão da apicultura na região, que a ADERAVIS surge com um leque de novidades em termos apícolas que muito poderão beneficiar não só o sector como também a qualidade de vida na região em que está inserida.

Desta forma, a associação apresentou recentemente dois desafios aos associados que levados a bom termo trarão decerto reflexos em termos de qualidade ambiental e do mel produzido.



A. RECOLHA DE MEDICAMENTOS USADOS

Em tempo de preocupações ecologistas, e além das já tradicionais e muito conhecidas ajudas ambientais fomentadas pela prática da apicultura, resolvemos dar mais uma ajuda, desta vez a combater directamente a poluição. Todos os anos surgem grandes quantidades de medicamentos já usados, resultantes do tratamento das colmeias. A este lixo nem sempre é dado o fim mais acertado, é prática habitual os apicultores assumirem uma das três atitudes possíveis face aos medicamentos já usados uma vez retirados da colmeia:

– **Deixar os medicamentos usados no apiário,**

Atitude deveras prejudicial em termos ambientais, na medida em que os medicamentos ainda têm alguma toxicidade residual após o uso, e vão por isso poluir os solos e cursos de água, com os consequentes malefícios para a saúde humana e para a natureza em geral.

– **Queimar os medicamentos usados,**

Este procedimento, apesar de revelar alguma preocupação por parte do apicultor em eliminar o lixo, também traz graves inconvenientes, uma vez que a combustão desses produtos químicos ao ar livre (ou em casa) liberta para a atmosfera toxinas extremamente perigosas que poluem o ar e constituem sérios riscos para a saúde.

– **Colocar os medicamentos usados no lixo doméstico,**

Esta também não é a forma mais acertada de lidar com o problema, pois é altamente contraindicada a colocação de químicos venenosos no lixo comum, uma vez que o tratamento feito pelas centrais de recolha a estes resíduos não conta com a presença de materiais tóxicos.

Desta forma, foi pedido aos associados que recolhessem as tiras de medicamento usado em sacos de plástico e o trouxessem para um depósito na associação. Aqui, este lixo é acondicionado em sacos próprios para o efeito e remetidos para uma empresa especializada no tratamento destes materiais a preços quase simbólicos, assumidos pela ADERAVIS.

Os apicultores estão a aderir em força a esta iniciativa, tendo em conta as quantidades de tiras já recolhidas, o que demonstra o sentido de responsabilidade e preocupações ambientais de quem pratica a apicultura.

Esta responsabilidade devia ser igualmente assumida pelas entidades que produzem/distribuem os medicamentos, dotando as associações e zonas agrárias de recipientes próprios para o acondicionamento destes materiais e proceder mais tarde à sua recolha e posterior tratamento. Há muito que se fala em ser o próprio MADRP a desempenhar essa função, mas mais uma vez como em muitos outros casos se fica pelas intenções.

É também objectivo desta associação continuar com as intervenções em termos ambientais, nomeadamente na fomentação da prática de plantação de espécies melíferas pelos associados.

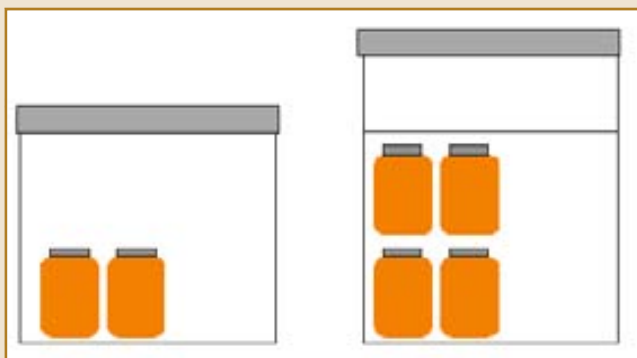
B. CONSERVAÇÃO DE CERAS PUXADAS

Desde a utilização das colmeias de quadros móveis que a conservação das ceras das alças constitui não só um problema para os apicultores como também um assunto deveras polémico. São inúmeras as teorias e os métodos para a localização, armazenamento e manutenção destes materiais. É prática habitual a manutenção das alças sobre o ninho ao longo de todo o ano, é a saída mais confortável para o apicultor, evita o trabalho de as retirar; transportar; armazenar; conservar; voltar a transportar e colocá-las de novo sobre os ninhos. Aí passam o Inverno,

aí se encontram durante as aplicações de medicamentos ou adições de alimento artificial e com todos os inconvenientes possíveis de tal prática.

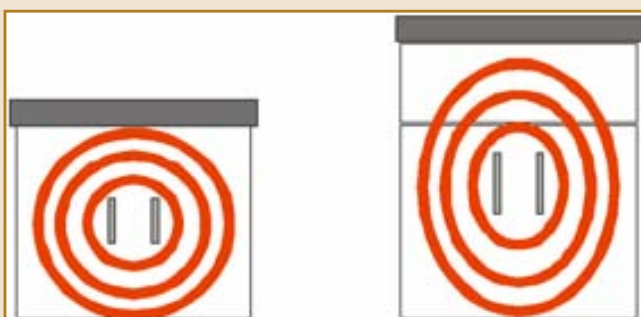
Desvantagens da manutenção contínua das alças sobre o ninho:

– A existência de um maior volume na colmeia durante o Inverno trará problemas de aquecimento acrescidos, o que se irá reflectir na duração das reservas de mel, que além de alimento é também usado para aquecimento da colónia. **A presença de alças sobre o ninho durante a estação fria leva mais facilmente ao esgotamento das reservas e à morte por fome ou frio.**

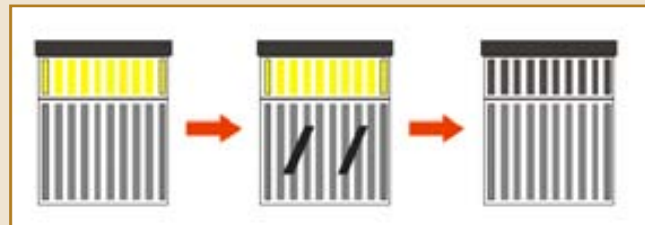


– Durante a aplicação de medicamentos a existência de um volume maior levará à diluição do mesmo medicamento e conseqüentemente a uma baixa na dosagem e na eficácia.

Por este facto **as colmeias tratadas na presença das alças são mais susceptíveis à resistência da Varroose e de outras moléstias.**



– As ceras das alças que passaram o Inverno em contacto com o medicamento ficarão com **resíduos tóxicos que contaminarão o mel durante a próxima fase de produção.**



Face ao exposto, há toda a vantagem em nunca juntar alças e medicamentos sobre o ninho. Antes de colocar o acaricida (ou outro medicamento), retiram-se as alças, quando é tempo de colocar as alças na colmeia, antes devem ser retirados todos os medicamentos.

O problema é assim bem fácil de resolver, cria-se no entanto outro mais complicado de solucionar – **A CONSERVAÇÃO DAS CERAS.**

Quase sempre o empilhamento de alças no armazém leva a ataques de traça e conseqüente destruição da cera “puxada”. Esta situação é deveras desagradável, pois há que repor toda a cera danificada, o que tráz custos para a exploração, como também pelo trabalho moroso de retirar as ceras destruídas dos quadros, esticar arames e colocar a nova cera.

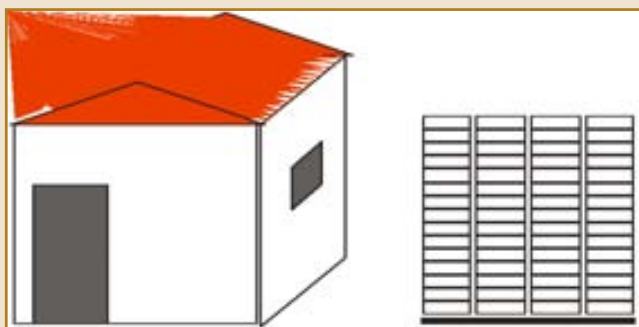
Muitos apicultores tentam resolver esta etapa:

- Mantendo as alças sobre os ninhos, com as já verificadas desvantagens.
- Retirar os quadros, colocá-los num recipiente estanque conservando a cera com bolas de naftalina, com a combustão de enxofre ou outros produtos químicos.
- Arejar os quadros, retirando-os das alças e pendurando-os num fio.
- Armazenando os quadros com cera puxada numa arca frigorífica.
- Mantendo as alças sobre os ninhos durante o período quente e retirando-os apenas no Inverno quando a traça deixa de constituir perigo para a cera.

Todos estes métodos apresentam uma ou mais falhas, pelo que o mais indicado será a construção/adaptação de um pequeno armazém ou câmara para as alças e cera puxada. Cada alça (meia alça) ocupa um espaço de 0,20 metros quadrados ou um volume de 0,030 metros cúbicos.

Ou seja, num metro cúbico é possível armazenar cerca de 30 a 33 alças.

Desta feita é possível construir ou adaptar a baixos custos uma pequena instalação que possa albergar as alças durante o período em que estão fora das colmeias. Uma pequena casa ou dependência semelhante às usadas para os motores de rega, com cerca de 2 x 2 x 2 metros, 8 metros cúbicos, permite armazenar aproximadamente 250 alças, o que excede as existências de muitos apicultores.



Se aumentarmos uma das dimensões da casa de 2 para 3 metros, aumentamos a capacidade de armazenamento em mais 150 alças, ou seja um total de 400.

O armazém de alças deverá ter o chão e o tecto em cimento para evitar a humidade. Uma porta e uma janela, fáceis de vedar/isolar para que uma vez cheias de alças e com o insecticida, este não escape para o exterior.

Os insecticidas habitualmente usados para o efeito, são extremamente tóxicos, pelo que todo o cuidado com o manuseio, crianças e animais não é de descurar. Já se verificaram acidentes graves com a sua utilização, por isso o interesse na construção/adaptação de instalações exclusivas para o efeito.

No chão deve ser colocado um estrado em madeira (paletes) para evitar problemas de

humidade e os inconvenientes fungos. Uma vez colocadas as alças no armazém, a porta e janela(s) serão fechadas e preferencialmente isoladas com fita ou silicone.

Estes insecticidas não são vocacionados para a apicultura, (de facto, insecticidas e apicultura parece mesmo despropositado), são antes específicos para a conservação de cereais, pelo que DEVERÁ SEMPRE LER O RÓTULO E SEGUIRAS INDICAÇÕES DE SEGURANÇA.

Na Primavera, e uma ou duas semanas antes de retirar as primeiras alças para colocar nas colmeias, deverá abrir a porta e a janela para que o armazém possa arejar convenientemente. Se as temperaturas forem altas deverá controlar as eventuais reinfestações de traça nas ceras que permanecem armazenadas.

Há quem opte por outra arrumação, comprando manga de plástico onde coloca as alças em pilhas individuais. Neste caso, o mais acertado, será colocar uma pastilha dentro do saco para cada 20 alças.

ATENÇÃO: A pastilha deverá ser colocada imediatamente antes de fechar o saco, para que o apicultor não fique sujeito aos gases tóxicos. Esta operação deve ser feita com bastante ventilação e com o cuidado necessário.

Esta parece ser a melhor solução, **na medida em que o apicultor só vai arejando e retirando do ARMAZÉM DE ALÇAS, a quantidade suficiente sem que as restantes sejam afectadas pela traça.**

